

# Feuerbach e Marx: duas críticas a partir de um mesmo horizonte

Rosalvo Schütz\*

**Resumo:** este artigo visa demonstrar o quanto a crítica da religião trabalhada por Ludwig A. Feuerbach influenciou a estrutura argumentativa de Karl Marx. Esta influência possibilitou a Marx a compreensão e desmistificação do Estado Moderno, da Filosofia Hegeliana e da própria economia política da época. A leitura, ao avesso, destas formas de alienação, feita por ambos, possibilita o desvendar das potencialidades humanas contidas nas mesmas. Por fim, visa demonstrar os avanços de Marx em relação a Feuerbach, apesar de seu horizonte comum. **Palavras-chave:** Feuerbach, Marx, crítica da religião

## FEUERBACH AND MARX: TWO CRITIQUES FROM ONE PERSPECTIVE

**Abstract:** this article aims to show the extent to which the critique of religion developed by Ludwig A. Feuerbach influenced the argumentative structure of Karl Marx. This influence made it possible for Marx to understand and demystify the Modern State, Hegelian Philosophy and the very political economy of the age. The thorough reading of these forms of alienation made by both men, makes it possible to reveal the human potentialities the forms contain. Finally, it seeks to show the advances of Marx in relation to Feuerbach, despite their common perspective. **Key-words:** Feuerbach, Marx, critique of religion

A sociedade atual tem levado a humanidade a fazer avanços técnico-científicos fantásticos. Da produção de alimentos, robótica, engenharia genética, informática, transportes, e tantas outras áreas, parecemos estar avançando cada vez mais em direção à libertação da escassez e das necessidades físico-práticas indispensáveis para a nossa sobrevivência e bem-estar.

---

\* *Mestre em Filosofia pela PUCRS e assessor da ONG denominada Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) atuando na formação política de movimentos sociais e populares e em processos de Desenvolvimento Regional Alternativo.*

Estes avanços formidáveis, no entanto, vêm acompanhados de diversos sacrifícios que, geralmente, aparecem como resultado de leis naturais e necessárias. As situações de miséria humana e ambiental aparecem como inevitáveis dentro da trajetória para a conquista do desenvolvimento. Diversos conceitos e realidades são assumidos, sem que seus fundamentos sejam explicitados, de forma muito semelhante àquela da dogmática religiosa.

Quais os princípios, os fundamentos que legitimam o reconhecimento desta sociedade? Estes princípios nos levam à submissão a automatismos que, por sua vez, nos impedem de usufruir, enquanto humanidade, dos benefícios conquistados. Nossa tentativa, neste trabalho, é contribuir para o entendimento e desmistificação da estrutura fundamentadora da atual sociedade que nos levou a esta situação aparentemente tão contraditória. Para tanto, buscaremos recuperar algumas reflexões realizadas por Ludwig Feuerbach e Karl Marx, embora também nos sirvamos de alguns outros autores.

## **1 - Feuerbach**

Karl Marx foi um autor que se dedicou profundamente a entender a estrutura social capitalista. Tinha como prática usual, fazer analogias desta sociedade com a estrutura religiosa, utilizando metáforas teológicas para a compreensão da mesma. Outra evidência de que o autor preocupava-se com a busca da compreensão e desmistificação de estruturas sociais, é a sua constante referência a Feuerbach, autor que se dedicou profundamente à compreensão dos fundamentos e desmistificação do fenômeno religioso. Desta forma, evidencia-se que Marx percebia na estrutura social capitalista, uma estrutura análoga à da religião. A constante referência à crítica da religião de Feuerbach, bem como, o constante uso de conceitos teológicos, ao longo de suas obras, revela uma preocupação com a desmistificação desta estrutura. Buscaremos entender como Marx foi estabelecendo esta analogia e como isto lhe serviu para, progressivamente, ir fazendo a desmistificação filosófica do capitalismo.

Em primeiro lugar, vamos trabalhar a argumentação e o contexto da crítica da religião de Feuerbach. O contexto desta crítica deu-se na Alemanha que ainda se encontrava sob o domínio de um Estado cristão, onde a política era justificada teologicamente, enquanto que a Revolução Francesa já parecia ter efetivado os ideais de liberdade e autonomia frente á dogmática religiosa, idealizadas pelo iluminismo. Assim, Feuerbach propõe-se a explicar a história do homem, como um processo de humanização, e não como teodicéia, a fim de contribuir na superação da situação anacrônica da Alemanha da época.

Segundo Feuerbach, o homem é o único ser que tem religião, e isso só é possível porque ele tem consciência, no sentido rigoroso, ou seja, pode ter consciência da sua espécie. Esta capacidade de ser mais do que um simples indivíduo e ser consciente disto, é também a sua essência. Esta essência é a sua vida interior, está acima dos indivíduos e se expressa pela razão, vontade e coração. Ao se defrontar com a sua essência genérica, e não reconhecê-la como sua, passa a atribuí-la a um outro ser, a um ser estranho. Aliena, pois, a sua própria essência. Tudo que parece divino, é na verdade humano. Todos os predicados divinos são na verdade, humanos. E um sujeito sem predicados não existe. O ateísmo de Feuerbach, portanto, quer ser esta necessidade de atribuir os predicados ao verdadeiro sujeito, qual seja, o ser humano.

A religião possui, conseqüentemente, uma dupla possibilidade: é uma estrutura de alienação da essência humana, mas também é a primeira manifestação, embora indireta, da essência humana. No dizer de Feuerbach: “a religião é a revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor.”<sup>1</sup> A religião, portanto, quando lida pelo seu avesso, pode revelar estas preciosidades humanas.

Segundo Feuerbach, o papel da filosofia seria tornar desnecessário este caminho indireto, e torná-lo direto. Tirar o mistério das estruturas que aparecem como sendo estranhas ao ser humano:

“A mudança necessária na história é, portanto, esta confissão aberta, de que a consciência de Deus nada mais é que a consciência do gênero, que o homem pode e deve se elevar acima das limitações da sua individualidade ou personalidade, mas não acima das leis, das qualidades essenciais do seu gênero, que o homem não pode pensar, pressentir, imaginar, sentir, crer, querer, amar e adorar como essência absoluta, divina, a não ser a essência humana.”<sup>2</sup>

## 2 - A crítica da religião aplicada a outros espaços: Marx

Marx fez da crítica da religião de Feuerbach um instrumento intelectual, através do qual pode perceber e desmistificar diversas outras estruturas de alienação. Para Marx, a “imediata tarefa da filosofia que está a serviço da história, é desmascarar a auto-alienação nas suas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada.”<sup>3</sup>

A obra *A Questão Judaica* é exemplar neste sentido. Nela encontramos Marx polemizando com Arnold Ruge a respeito da temática da emancipação política dos judeus, frente ao Estado teocrático da Alemanha de então. Segundo Ruge, os Judeus assim como todo crente, para poderem requerer os direitos políticos, teriam que abdicar do seu ser religioso. Sem deixar de ser judeu, pensava Ruge, o judeu não tem direito de requerer a emancipação política; assim como todo crente, teria de emancipar-se pessoalmente da religião, para depois poder requerer os direitos políticos. Pois o contrário significaria manter um estado de privilégios.

Marx, através de um ponto de vista feuerbachiano, pôde dar um outro acabamento interpretativo à questão. O ser genérico, que em Feuerbach manifestava-se na religião, passa a manifestar-se no Estado Moderno. Tal como a religião, continua sendo uma forma indireta de o homem dar-se conta de sua essência genérica. Como a essência genérica é alienada no Estado, o dia-a-dia passa a ser o espaço da luta de todos contra todos, do egoísmo e do individualismo. É o que se passou a chamar de sociedade civil. Temos, pois, assim como na religião, um céu e uma realidade terrena, ou seja, o Estado e a sociedade civil.

Portanto, a emancipação política significaria apenas a emancipação do Estado em relação à religião, e não do ser individual da religiosidade. Da mesma forma, os direitos do homem, que são aqueles direitos garantidos a nível de sociedade civil, não poderiam ser negados aos judeus. Aliás, as diferenças particulares no interior desta, são condição para que o Estado se constitua enquanto expressão isolada da dimensão genérica do homem. Nenhum dos direitos do homem, como a liberdade, a propriedade privada e a segurança, são direitos que passam de uma garantia para o egoísmo do ser humano, enquanto mônada isolada da sociedade civil.

Bauer estava exigindo dos judeus algo que iria muito além da emancipação política; na verdade, havia colocando as condições de emancipação humana. Esta, muito mais ampla do que aquela, por exigir que o ser humano assuma no seu dia a dia a sua essência, antes apenas alienada no Estado. E para Marx,

“A emancipação humana só será plena quando o homem real e individual tiver em si o cidadão abstrato; quando como homem individual, na sua vida empírica, no trabalho e nas suas relações individuais, se tiver tornado um ser genérico; e quando tiver reconhecido e organizado as suas próprias forças (*forces propres*) como forças sociais, de maneira a nunca mais separar de si esta força social como força política.”<sup>4</sup>

A separação entre sociedade civil e Estado, no entanto, fez com que os valores judeus do egoísmo e da necessidade prática dominassem o espaço da sociedade civil.<sup>5</sup> O que significa que o judaísmo atingiu a emancipação, à sua maneira, na sociedade civil. Assim, Marx pode afirmar que o

“judeu emancipou-se à maneira judaica, não só pela aquisição do poder do dinheiro, mas também porque o dinheiro, através dele e independentemente dele, se tornou um poder mundial, enquanto o espírito judaico prático se tornou o espírito prático das nações cristãs. Os judeus emanciparam-se na medida que os cristãos se tornaram judeus.”<sup>6</sup>

O dinheiro pôde, assim, tornar-se o valor universal de todas as coisas e características humanas, passando a desconstituir todas as coisas, e as próprias relações humanas, do seu valor próprio. “O dinheiro é a essência alienada do trabalho e da existência do homem; esta essência domina-o e ele presta-lhes culto e adoração.”<sup>7</sup>

De forma que a emancipação do judeu só se torna possível com a emancipação da sociedade, dos valores que fundamentam o judaísmo generalizado da sociedade civil.<sup>8</sup>

### **3 - Crítica da religião como pressuposto de toda a crítica**

A perspectiva feuerbachiana mostrou-se muito eficiente como instrumento de análise e de compreensão da sociedade burguesa. Cada vez mais, a estrutura social aparecia como sendo também uma forma invertida de perceber o mundo. Desta forma, Marx convenceu-se de que “a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica”<sup>9</sup>. Pôde perceber esta inversão alienadora em outras estruturas.

A teoria do mundo invertido, na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, foi o meio termo que possibilitou a identificação desta estrutura em outras realidades, dando ainda um caráter mais dinâmico à concepção de essência humana. Pois, é na figura do mundo invertido, que aparece pela primeira vez o caráter de autonomia, liberdade e dinamicidade da consciência, como sendo expressão abstrata, possível de ser identificada através da crítica de Feuerbach, em diversas realidades humanas. Ao mesmo tempo, isto deu elementos a Marx a fim de que não mais identificasse a essência humana como algo estático e a-histórico, mas como algo que se constrói nas relações que os seres humanos estabelecem entre si e com a natureza. De forma que a crítica precisaria ser aplicada a esta realidade humana, que não seria abstrata como pensava Feuerbach. Embora o horizonte crítico delineado por Feuerbach sirva para todas as situações de mundo invertido.

A teoria de Feuerbach possibilitou a Marx uma grande potencialização da teoria do próprio Hegel. A teoria de Hegel,

sobre o Estado Moderno, precisaria ser desmistificada, pois, entender e criticar a filosofia do direito de Hegel, seria entender e criticar a própria estrutura do Estado Moderno, uma vez que esta expressa de forma abstrata esta realidade, segundo Marx.

Feuerbach e Hegel deram a Marx a possibilidade de visualizar a emancipação humana na Alemanha, apesar de sua situação anacrônica. Hegel teria chegado, embora de forma mistificada, à altura da emancipação política, e Feuerbach criara as condições de emancipação humana.

Para tanto, a Filosofia precisaria tornar-se prática, radical, e corresponder às necessidades da maioria. Ora, o proletariado era a única classe que poderia ter interesse em superar essa estrutura, pois passara a ser o momento excluído desta. Sua libertação, no entanto, não poderia se dar sem que se desse a superação total desta sociedade. Sua emancipação só se tornaria possível na medida em que toda a humanidade se libertasse desta forma social. O proletariado, enquanto portador do sofrimento universal, aparece como tendo a missão de conduzir a Alemanha e toda a humanidade à emancipação humana, uma vez que nenhuma outra classe poderia dispor-se para tal tarefa, pelas suas posições históricas e lógicas dentro desta estrutura.

## **Filosofia de Hegel**

A estrutura da crítica de feuerbachiana permitiu, ainda, compreender outros aspectos da filosofia de Hegel. Feuerbach, diferentemente de Hegel, põe o homem como fundamento de todas as estruturas. Em Hegel, as coisas acontecem como se estivessem independentes do ser humano, o que a torna uma filosofia comprometida com a manutenção das situações sociais existentes.

Porém, segundo Marx, quando desmistificada, a filosofia de Hegel revela possibilidades humanas interessantes, como: auto-criação como processo, o processo histórico e a auto-criação do homem pelo trabalho. Assim, a filosofia de Feuerbach é enriquecida com o processo histórico e a efetivação concreta do ser genérico no trabalho. A essência humana, para Marx, não será

mais algo contido apenas na consciência, mas que se manifestará de formas diferenciadas, através dos produtos do trabalho e de estruturas sociais produzidas pelo ser humano.

### **A realidade econômica: Economia Política**

Se o ser humano não é algo separado da natureza orgânica e inorgânica, mas se constrói, enquanto humano, justamente na relação que estabelece com a mesma, então o processo de trabalho passa a ser um momento muito rico para desvendar as potencialidades humanas, mesmo que estas se manifestem de forma inconsciente, ou seja, mesmo que elas aconteçam dentro de um contexto de alienação.<sup>10</sup> A realidade concreta do trabalho, ou seja, da produção econômica, tornou-se cada vez mais importante de ser analisada. Por isto Marx dedicou-se ao estudo da então jovem Economia Política, e fez diversas constatações.

Por exemplo, que o trabalhador está submetido às leis do mercado, e que enquanto tal, é como uma máquina, uma mercadoria, portanto, que não é considerado como ser humano.<sup>11</sup> Todo o trabalho tem de ser quantificável, perdendo a dimensão das qualidades pessoais.

Nesta sociedade, esteja ela crescendo, em crise ou bem estruturada, o trabalhador está sempre em desvantagem, o que significa a infelicidade generalizada da sociedade, uma vez que sua grande maioria são trabalhadores. Para que serviria esta estrutura social, então? Além disto, os próprios capitalistas estariam dentro deste esquema de alienação, embora sua alienação seja mais cômoda, e por isto procurarão sempre mantê-la.

Franz Hinkelammert<sup>12</sup>, afirma que o modo de produção capitalista é uma estrutura sacrificial herdada da estrutura sacrificial inerente à teologia medieval. Segundo o autor, se na Idade Média, os sacrifícios eram feitos contra os sacrificadores que não aceitavam o sacrifício absoluto de Cristo, no capitalismo os sacrifícios são justificados em vista de um suposto progresso que traria um bem estar para a humanidade, comparável à promessa do céu medieval. Seguir as leis do mercado, tal como na idade média,



seguir as leis de Deus, levaria automaticamente a uma espécie de céu. Quem não aceita estas leis, tal como as bruxas e os hereges medievais, merece o sacrifício.

Nos estudos dos economistas sobre Marx, evidencia-se por diversas vezes esta submissão dos seres humanos a uma estrutura estranha, que passa a dominar todos os espaços. Prova disso, é o fato de o capital só ser investido por lucro, não importando o trabalho produtivo e bem estar que trará para a sociedade. Esta alienação só poderia acontecer, seguindo uma linha de argumentação feuerbachiana, pelo fato de o homem não se reconhecer enquanto ser genérico, ou, como Marx passará a chamá-lo de agora em diante, enquanto ser social. Esta situação pode ser verificada na crença de que a soma dos interesses individuais levaria automaticamente a uma melhor sociedade, delegando a essencialidade humana às leis econômicas que passam a reger cegamente o mundo.

As leis econômicas aparecem, enquanto mitos auto-suficientes. Segundo Christoph Türcke<sup>13</sup>, esta submissão da humanidade a princípios autônomos, independentes das realidades concretas que as originaram, estão presentes no *Logos* Ocidental, desde o seu surgimento. Segundo Türcke, as relações de troca baseadas no mito da equivalência de valores, originadas no culto aos deuses, transferem-se para a esfera das relações sociais, e perpassam desde a *arché* grega até o idealismo hegeliano. “O capitalismo é idealismo aplicado. Ao fazer da troca, o princípio abstrato e autárquico do mundo, a lei do movimento econômico da sociedade moderna perpetua o domínio mítico, na era da ciência e da democracia.”<sup>14</sup> Toda a realidade passa a ser submetida a este princípio autárquico.

Para Marx, torna-se cada vez mais essencial descobrir o que existe por detrás das estruturas e dos conceitos econômicos que lhe emprestam uma aparência de naturalidade e autonomia em relação ao mundo humano. Seguindo a linha de argumentação feuerbachiana, buscará desmistificar as estruturas de alienação, a fim de desvendar o seu conteúdo humano social.

“A economia política parte do fato da propriedade privada. Não o explica. Concebe o processo *material* da propriedade privada, como ele ocorre na realidade, em fórmulas gerais e abstratas, que em seguida lhes servem de *leis*. Não *compreende* tais leis, isto é, não demonstra como elas derivam da essência da propriedade privada. A economia política não fornece qualquer explicação sobre o fundamento da divisão do trabalho e do capital e da terra. (...) Os únicos motivos que põem em movimento a economia política são a *avareza* e a *guerra entre os avaros, a competição*.”<sup>15</sup>

Marx desafia-se, então, a encontrar esta fundamentação. E parte de um fato, assumido também pelos economistas, e coincidente com a estrutura religiosa, ou seja, que “o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz” sendo que este processo é o mesmo que “se passa na religião. Quanto mais o homem atribui a Deus, tanto menos guarda para si mesmo.”<sup>16</sup>

Por que a objetivação do ser genérico do homem, através do trabalho, estaria se tornando estranho a este? A Economia Política já constatara que o produto do trabalho parece estranho ao trabalhador. Marx constata que o próprio processo do trabalho é alienação ativa. E como a forma de manifestar a essencialidade genérica humana dá-se através da relação prática do trabalho, em objetos concretos, e como estes, bem como o próprio processo não lhe pertencem, ele está, também, alienando-se do sua essência genérica. O que significa que está alienado dos outros seres humanos, uma vez que a forma de ligar-se a estes, é através dessa essência genérica comum, dos produtos do trabalho.

Este último nível de alienação, pois, revela-se a dimensão mais profunda e instauradora da própria possibilidade de alienação. A alienação do produto é apenas resultado de um processo social que se inicia na alienação dos seres humanos uns dos outros, quando estes, no interior da sociedade civil, estão numa luta de todos contra todos.

Assim, a propriedade privada não é algo exterior, mas é resultado do trabalho alienado. Pois, “embora a propriedade privada surja como o fundamento, a causa do trabalho alienado, constitui antes a consequência deste último, da mesma maneira que os

deuses são *fundamentalmente*, não a causa, mas o produto das aberrações da inteligência humana.”<sup>17</sup>

Nela, estão alienadas as qualidades humanas, que não são percebidas pelo fato de o homem encontrar-se numa situação de egoísmo, na qual, dimensões genéricas aparecem apenas como meios de satisfazer os desejos egoístas de cada um. Evidencia-se, assim, que a simples distribuição da propriedade privada, ou mesmo, o aumento dos salários não resolve esta situação, pois o fundamento da alienação e, portanto, da propriedade privada, encontra-se no isolamento dos seres humanos uns dos outros, da falta de sua consciência genérica, como seres sociais, e da conseqüente submissão a estruturas estranhas. A “propriedade privada constitui, portanto, o produto, o resultado, a conseqüência necessária do trabalho alienado, da relação externa do trabalhador à natureza e a si mesmo.”<sup>18</sup>

#### **4. Perda e achado do ser humano**

##### **4.1. Perda**

O fato de o ser humano, dentro do regime de propriedade privada, estar perdido de si mesmo, evidencia-se também pelo fato de ser concebido apenas enquanto trabalhador, cuja vida é determinada por algo exterior e estranho a ele mesmo, ou seja, o Capital. Esta relação, no entanto, quando analisada com mais profundidade, revela que é o próprio trabalhador que produz o capital como trabalho. Ou seja, o trabalhador produz aquele que passa a definir sua vida, produz algo que passa a opor-se a ele mesmo. O fato de capital e trabalho se oporem significa que o ser humano vive de forma alienada de si, mas o fato de, também, precisarem um do outro, revela uma unidade originária. A explicitação desta contradição significa, segundo Marx, a situação de amadurecimento, e portanto, da possibilidade de sua superação.

Outra demonstração de que neste sistema o homem está alienado de sua essência, é o dinheiro. A sua capacidade de tudo mediatizar, criar, fazer e desfazer são na verdade as propriedades

humanas, nele alienadas e estranhadas. Por isto o dinheiro, bem como todas as formas de propriedade privada, quando liberto da alienação, revela dimensões essenciais da humanidade.

“O poder de perversão e de inversão de todas as qualidades humanas e naturais, a capacidade de entre coisas incompatíveis estabelecer a fraternidade, a força *divina* do dinheiro, reside no seu caráter como *ser genérico*, alienado e auto-alienante do homem. Ele é o *poder alienado da humanidade*”<sup>19</sup>

## 4.2. Achado

Numa analogia entre A. Smith e Lutero, Marx afirma que ambos possibilitaram a descoberta de essências subjetivas, de estruturas aparentemente objetivas. Lutero, da religião; e A. Smith, da economia. O trabalho de Lutero possibilitará a crítica de Feuerbach, e o de Smith possibilitará a de Marx. Restaria agora superar, na prática, esta forma de alienação, descoberta através da economia política, que, segundo sugestão de Marx, se daria de forma semelhante ao próprio processo de alienação. Por isto, o comunismo aparece como um horizonte utópico, em vista do qual a realidade vai sendo construída, mas possível de ser efetivado em diversos níveis. Desses, Marx faz um exercício para identificar alguns.

Num primeiro momento, de comunismo ingênuo, se buscaria a universalização da posse física, ou seja, a universalização e distribuição da propriedade privada. Um segundo momento buscaria abolir a alienação política, mas ainda não conseguiria compreender e incorporar a natureza positiva da propriedade privada, para, em seguida, alcançar um momento de retorno à natureza social. Apropriando, assim, de forma positiva, o potencial humano alienado na propriedade privada. De forma que, já num outro nível, possa também apropriar-se de uma forma sensível da essência da vida humana, desenvolvendo todos os seus sentidos, independentemente do sentido do ter. E o homem perceberá no próprio processo industrial, e nos produtos deste, a expressão do con-

junto de sentidos humanos. Desta forma, ele chegaria a um momento em que a consciência de sua auto-geração histórica pelo trabalho lhe apareceria como evidente, e no qual o próprio ateísmo não teria mais sentido. É o estágio que Marx chama de socialismo.

Ora, a tendência de todas as formas de produção de se submeterem ao sistema da propriedade privada, em que o dinheiro se tornou um fim, pode também significar uma possibilidade de sua superação porque, para Marx, “a eliminação da alienação deriva sempre da forma de alienação que é o poder *dominante*”, de maneira que o comunismo “não é a posição verdadeira, surgindo de si mesma, mas a posição que brota da propriedade privada.”<sup>20</sup> Portanto, Marx sugere que a superação da alienação tornar-se-á possível, a partir das próprias potencialidades inscritas na propriedade privada. No entanto, Marx faz também o alerta de que, para tanto, não bastam teorias, é preciso que a superação se dê na prática. Para “suplantar a *idéia* da propriedade privada, basta o comunismo enquanto plenamente *pensado*. Para eliminar a propriedade privada *real*, é necessário uma ação comunista *genuína*”<sup>21</sup>. Quais seriam então as condições de superação da propriedade privada? Que ela exista e tenha se desenvolvido, e que a partir das próprias potencialidades da essencialidade humana, ali presentificadas, realizadas de forma alienada<sup>22</sup>, possam ir sendo desmistificadas e se possa desvendar o seu verdadeiro fundamento antropológico e social.

Os sucessivos níveis de comunismo são, pois, sucessivos níveis de apropriação da essência genérica humana, alienada, na propriedade privada.

Os economistas, no entanto, não conseguem ver o fundamento humano do trabalho. Percebem o indivíduo apenas de forma isolada, como uma mônada da sociedade civil. Precisam justificar o interesse pela divisão do trabalho, no egoísmo e no interesse privado, embora, logo adiante, caiam em contradição ao afirmar que a divisão do trabalho e a troca constituem o caráter social de sua ciência. Não percebem que a divisão do trabalho e a permuta são uma expressão sensível, embora alienada, das próprias

capacidades humanas, da espécie humana. Desta forma, a propriedade privada foi necessária para a realização humana, e significa também que ela agora deve ser abolida.<sup>23</sup> O economista tem um comportamento semelhante ao do religioso, que não percebe a fundamentação antropológica da religião e dos seus ritos, nem que a religião foi necessária, de certa forma, para realização humana, enquanto expressão da essência humana social, assim como a propriedade privada<sup>24</sup>, mas que agora precisam ser abolidas pelo próprio homem, à medida que ele vai percebendo a sua própria essência como fundamento delas.

A divisão do trabalho, como sendo a expressão alienada do caráter social e genérico da sociedade humana, expressa a real dimensão humana a ser buscada, contrapondo-se à competição e ao egoísmo. Por isto, considerar a questão da permuta e da divisão do trabalho “é do maior interesse, porque elas constituem a expressão *sensível, alienada da atividade* e das *capacidades* humanas como atividade e capacidades *próprias de uma espécie*.”<sup>25</sup>

Por isto Marx pode afirmar que:

“A *divisão do trabalho* é a expressão econômica do *caráter social do trabalho* no interior da alienação. Ou então, uma vez que o *trabalho* constitui apenas uma expressão da atividade humana no seio da alienação, da manifestação da vida enquanto alienação da vida, a *divisão do trabalho* não passa do estabelecimento *alienado* da atividade humana como uma *atividade genérica real* ou como a *atividade do homem enquanto ser genérico*.”<sup>26</sup>

Mesmo que ainda não estejamos conscientes do nosso caráter social, enquanto seres humanos, a indústria e seus produtos, e também a divisão do trabalho, revelam nossas características, e anunciam a nossa possibilidade de emancipação de uma vida restrita e aprisionada a estruturas estranhas e sacrificiais.

A forma de fazer esta apropriação, talvez seja a tarefa fundamental de toda atividade, inclusive da filosófica, que esteja a serviço da vida e da história humana.

## Referências

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Campinas : Papyrus, 1988.

FLICKINGER, Hans Georg. *Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social*. Porto Alegre : L & PM, 1986.

\_\_\_\_\_. *Marx: nas pistas da desmistificação filosófica do capitalismo*. Porto Alegre: L & PM, 1985.

\_\_\_\_\_. Trabalho e emancipação. *Veritas*, Porto Alegre, v. 37, n. 148, p. 499-509, dez. 1992.

HEGEL. G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis : Vozes, 1992. v. 1.

HINKELAMMERT, J. Franz. *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lucifer e a Besta*. São Paulo: Paulus, 1995.

MARX, Karl. A Questão Judaica. In: *MANUSCRITOS Filosóficos*. Lisboa : Edições 70, 1964.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel : Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Manuscritos Económico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Económico-Filosóficos*. Lisboa : Edições 70, 1964.

POLANY, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro : Campus, 2000, p. 77.

SOUZA, Draiton Gonzaga. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 2. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1994.

TÜRCKE, Christoph. O nascimento mítico do *Logos*. In: DE BONI, Luís Alberto. (org.). *Finitude e Transcendência*. Petrópolis : Vozes, 1995, p. 81-90.

SCHÜTZ, Rosalvo. *A sociedade capitalista enquanto religiosamente justificada: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. 1999. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. O significado da efetivação dos direitos políticos e humanos em Marx. *Revista Symposium*, Recife, número especial. dez. 1999.

## Notas

- <sup>1</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas. São Paulo: Papirus, 1988. p. 56.
- <sup>2</sup> FEUERBACH, L. op.cit., p. 308.
- <sup>3</sup> MARX, Karl. *Manuscritos Económico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70. p. 78.
- <sup>4</sup> MARX, op. cit. p. 63.
- <sup>5</sup> Ou seja, para que a Economia de Mercado pudesse expandir-se sem limites e sem problemas morais. Pois este nível passou a significar o espaço natural, onde as leis do mercado, baseadas no acúmulo, no egoísmo e na exploração do trabalho “se impõem” por si mesmas. Não há mais possibilidade de responsabilização do ser humano neste nível. A miséria e a destruição ambiental aparecerão como sacrifícios necessários e inevitáveis.
- <sup>6</sup> MARX, op. cit. p. 68.
- <sup>7</sup> MARX, op. cit. p. 70.



- <sup>8</sup> A este respeito ver: SCHÜTZ, Rosalvo. “O significado da efetivação dos direitos políticos e humanos em Marx.” *In: Revista Symposium*. Número Especial. Universidade Católica de Pernambuco. Recife: dezembro de 1999.
- <sup>9</sup> MARX, op. cit. p. 77.
- <sup>10</sup> Assim como Feuerbach também busca tornar conscientes e antropologizar os caracteres humanos.
- <sup>11</sup> Conforme Karl Polany, esta é a primeira vez na história que existirá um MERCADO de trabalho. Além disto teria sido a primeira vez que: “Em vez de a economia estar embutida nas relações sociais, são as relações sociais que estão embutidas no sistema econômico.” POLANY, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 77.
- <sup>12</sup> HINKELAMMERT, Frantz J. *Sacrifícios humanos e a sociedade ocidental: Lúcifer e a Besta*. São Paulo: Paulus. 1995.
- <sup>13</sup> TÜRCKE, Christoph. O nascimento mítico do *Logos*. *In: DE BONI, Luiz Alberto (org.)*. Finitude e Transcendência. Petrópolis: Edipucrs/Vozes, 1995, p.81-90.
- <sup>14</sup> TÜRCKE, Op. Cit. p. 90.
- <sup>15</sup> MARX, op. cit. p. 157.
- <sup>16</sup> *Ibidem*, p. 159.
- <sup>17</sup> *Ibidem*, p. 169.
- <sup>18</sup> *Ibidem*, p. 168.
- <sup>19</sup> *Ibidem*, p. 233.
- <sup>20</sup> *Ibidem*, p. 215.
- <sup>21</sup> *Ibidem*, p. 215.
- <sup>22</sup> “A alienação não se revela apenas no fato de que os *meus* meios de vida pertencem a *outro*, de que os *meus* desejos são a posse inatingível de *outro*, mas de que tudo é *algo diferente* de si mesmo, de que a minha atividade é qualquer *outra coisa* e que, por fim - e é também o caso do capitalista - um poder *inumano* opera sobre tudo.” MARX, op. cit. p. 217.

- <sup>23</sup> Neste momento parece estar se confirmando mais uma analogia com a teoria de Feuerbach em relação à religião, vejamos: “O homem transporta primeiramente a sua essência para *fora de si*, antes de encontrá-la *dentro* de si. A própria essência é para ele objeto, primeiramente, como uma outra essência.” FEUERBACH, op. cit. p. 56. E só depois de realizada esta primeira forma de tomar consciência de suas próprias possibilidades, o homem pode superá-la e torná-la consciente. Neste sentido, pode-se dizer que a alienação constitui um momento necessário pelo qual passa a humanidade em direção à realização de sua verdadeira humanização, assim como na *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, a figura do Mundo Invertido constitui-se um momento, um rodeio necessário no caminho da consciência ingênua em direção à consciência filosófica, à autoconsciência. Porém, o fato de Marx buscar esta superação a partir da realidade social humana, levou-o a superar, em muito, um possível conceito autônomo pressuposto.
- <sup>24</sup> “E precisamente no fato de a *divisão do trabalho* e a *permuta* serem manifestações da propriedade privada que reside a prova, em primeiro lugar, de que a vida *humana* necessitou da *propriedade privada* para a sua realização e, em segundo, de que ela precisa agora da abolição da propriedade privada.” MARX, op. cit. p. 226.
- <sup>25</sup> MARX, op. cit. p. 226.
- <sup>26</sup> *Ibidem*, p. 220.